OPINIÃO

Inteligência Artificial como ponte da acessibilidade digital para pessoas surdas

Monica Lupatin (*)

Por muitos anos, falar em inclusão digital para pessoas surdas significava reconhecer um abismo entre o avanço tecnológico e o real acesso à informação.

A internet cresceu, as plataformas evoluíram, mas a comunicação continuou, em grande parte, inacessível; baseada em textos complexos, em conteúdos sonoros ou em vídeos sem tradução adequada para Libras. Hoje, observo um movimento diferente. A Inteligência Artificial começa, de fato, a reposicionar essa discussão e a transformar possibilidades em soluções mais concretas.

Acompanhando de perto a evolução tecnológica, é impossível ignorar o protagonismo que a IA assumiu nesse debate. Ferramentas capazes de traduzir automaticamente textos, áudios e vídeos para Libras já chegam a aplicativos, serviços digitais e canais de atendimento. Isso não apenas reduz barreiras históricas de comunicação, como também revela algo que considero essencial: as empresas passaram a entender a inclusão como parte da experiência do usuário, e não como um "apêndice social".

Mas aqui entra um ponto que, para mim, precisa estar muito claro. A tecnologia é poderosa, transformadora e necessária. No entanto, quando falamos de inclusão, estamos falando de pessoas; e relações humanas não são substituíveis por algoritmos. Empatia, cuidado, escuta e sensibilidade não cabem em linhas de código. Um exemplo bastante concreto é a comunicação em Libras. Apesar dos avanços da IA, ainda não existe solução realmente eficaz que substitua a atuação de um intérprete humano. Nos contextos mais críticos, especialmente em atendimentos, tomada de decisão ou situações sensíveis, a mediação humana continua sendo fundamental para garantir respeito, precisão e segurança na comunicação.

O mundo caminha para um mercado de IA que pode ultrapassar US$ 1 trilhão até 2030. As tecnologias assistivas crescem acima de 20% ao ano. E, no Brasil, estamos falando de um país com mais de 10 milhões de pessoas com algum grau de deficiência auditiva, segundo o IBGE. Não há como ignorar esse cenário, nem do ponto de vista social, nem do ponto de vista econômico.

Sob a ótica dos negócios, a mensagem é direta: acessibilidade não é custo, é estratégia. Soluções baseadas em IA que ampliam a comunicação não apenas fortalecem inclusão, como ampliam alcance, melhoram eficiência, aumentam engajamento e consolidam reputação. Empresas que ignoram esse movimento deixam de atender um público relevante e deixam também de acompanhar um mercado que se torna, a cada dia, mais consciente.

Por outro lado, a responsabilidade é grande. Implementar IA em tradução para Libras não é simplesmente "instalar uma tecnologia". Requer investimento contínuo, testes reais e, principalmente, participação ativa da comunidade surda. Sem essa escuta, corre-se o risco de criar ferramentas tecnicamente avançadas, mas socialmente insuficientes.

Como diretora de novos negócios, vejo a Inteligência Artificial como uma ponte concreta entre inovação, impacto social e crescimento sustentável. Ela aproxima pessoas surdas do universo digital, abre caminhos e democratiza o acesso. Mas acredito, com igual convicção, que tecnologia não substitui a humanidade. Inclusão não é sobre máquinas funcionando; é sobre pessoas sendo vistas, respeitadas e incluídas.

Mais do que seguir uma tendência, investir em acessibilidade é decidir qual papel as empresas querem ocupar em um mercado que, cada vez mais, exige responsabilidade, consciência e humanização. E, na minha visão, esse é o único caminho possível para quem deseja ser relevante no futuro.

(*) Diretora de Negócios do ICOM.

IBM aumenta a contratação de profissionais em início de carreira

Em um momento em que cresce o pânico gerado por informes dando conta que a inteligência artificial eliminará muitos empregos, especialmente aqueles voltados a profissionais em início de carreira, surge uma notícia dando conta que uma grande empresa de tecnologia parece pensar de forma contrária.

Vivaldo José Breternitz (*)

Essa empresa é a IBM, que segundo reportagem da *Bloomberg*, planeja triplicar as contratações de profissionais de nível inicial nos Estados Unidos em 2026. O anúncio foi feito por Nickle LaMoreaux, diretora de recursos humanos da companhia, durante o Leading With AI Summit, evento realizado em New York no dia 10 de fevereiro, reunindo executivos e especialistas para discutir como empresas podem adotar e transformar suas operações com o uso de inteligência artificial.

Essas vagas, no entanto, terão um perfil diferente das tradicionais funções de entrada da IBM. A executiva explicou que os contratados terão menos foco em tarefas que a IA já consegue automatizar, como programação, e serão direcionados para áreas voltadas ao relacionamento, como o atendimento a clientes.

A estratégia tem lógica: investir em profissionais de nível júnior permite que eles adquiram competências para ocupar cargos mais altos no futuro.

O movimento ocorre em um ano considerado decisivo para medir o impacto da IA no mercado de trabalho. Um estudo do MIT, publicado em 2025, estimou que 11,7% dos empregos já poderiam ser automatizados pela tecnologia. Já uma pesquisa do portal TechCrunch revelou que investidores acreditam que 2026 marcará o início da influência concreta da IA sobre a força de trabalho.

Como ainda não há certeza acerca de como a inteligência artificial afetará o mercado de trabalho, convém que fiquemos

rafal_olechowski_CANVA

alertas acerca da evolução do assunto. Aperfeiçoar *soft skills* parece ser uma boa ideia.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjnitz@gmail.com.

O que empresas precisam saber antes de usar o OpenClaw

Após a fase de euforia, especialistas alertam para riscos financeiros e operacionais no uso indiscriminado da ferramenta que está bombando no ecossistema de TI

LaymanZoom_CANVA

Lançado em dezembro de 2025 e impulsionado pela popularização ao longo de janeiro deste ano, o OpenClaw rapidamente ganhou espaço entre empreendedores e empresas no Brasil. A ferramenta, que permite automações e integração com diferentes sistemas com inteligência artificial, passou da fase de curiosidade para adoção prática em poucas semanas. Com isso, surgem também preocupações sobre segurança digital, governança e controle de custos.

Para Ricardo Melo, VP of Growth & Product na HostGator LatAm, o movimento é natural em ciclos de inovação acelerada. "No primeiro momento, o foco está no potencial da tecnologia. Depois, surgem as consequências práticas. Estamos vendo muitos usuários adotando o OpenClaw sem avaliar permissões, custos de API ou o impacto de integrar a ferramenta a sistemas sensíveis", afirma.

A HostGator passou a disponibilizar o OpenClaw entre as aplicações possíveis dentro da categoria de servidores virtuais privados, o VPS, o que facilita o acesso à empreendedores, criadores digitais e empresas à ferramenta. Segundo Melo, o uso da tecnologia exige responsabilidade proporcional. "Toda tecnologia pode ser usada de formas boas e ruins. Ferramentas com autonomia para executar comandos ampliam a produtividade, mas também ampliam a responsabilidade. Sem limites bem definidos, o risco financeiro, de segurança da informação e operacional cresce", explica.

Entre os principais pontos de atenção no uso do OpenClaw estão: concessão irrestrita de acesso a arquivos locais; integração com aplicativos financeiros e plataformas de mensagens; uso de chaves de API sem limite de consumo; e a ausência de monitoramento de tokens, o que pode gerar gastos elevados em pouco tempo. Em empresas que utilizam a ferramenta para automatizar processos, acessar bases de dados ou integrar sistemas internos, um erro de configuração pode significar prejuízo financeiro ou perda de informações estratégicas.

Além do risco técnico, há o jurídico. Ao integrar ferramentas como o OpenClaw a bases de dados de clientes, a empresa deve garantir que a automação não viole os princípios da LGPD, como a finalidade e a transparência. O uso de servidores isolados (VPS) ajuda a auditar quem e o que acessa esses dados, facilitando a criação de um Relatório de Impacto à Proteção de Dados (RIPD).

Para reduzir esses riscos, o especialista recomenda medidas objetivas de proteção:

Isolar o ambiente de uso

Evitar rodar o OpenClaw diretamente no computador pessoal. Utilizar ambientes separados ou servidores isolados limita o acesso a arquivos sensíveis e reduz a exposição a falhas.

Definir permissões mínimas necessárias

Conceder acesso apenas ao que for indispensável para a tarefa diminui a superfície de risco e evita exclusões acidentais ou vazamento de dados.

Separar contas pessoais e profissionais

Utilizar números de telefone, e-mails e integrações diferentes dos ambientes pessoais ajuda a mitigar impactos em caso de comportamento inesperado da aplicação.

Estabelecer limites de consumo de API

Configurar tetos financeiros e monitorar regularmente o uso de tokens evita surpresas na fatura e traz previsibilidade de custos.

Para Melo, a adoção de inteligência artificial exige mudança de mentalidade. "IA promove eficiência mas, para isso, demanda infraestrutura, controle e gestão de risco. À medida que as ferramentas ficam mais acessíveis, as boas práticas passam a ser requisito básico de qualquer operação digital." Ou seja, organizações que estruturarem desde o início práticas de segurança e controle financeiro tendem a extrair mais valor da tecnologia sem comprometer a operação.

News@TI

Gendo anuncia expansão para Espanha

@A Gendo, plataforma brasileira especializada em gestão e agendamento para negócios de serviços, anunciou sua expansão internacional com a entrada no mercado espanhol. A operação marca o primeiro passo da empresa na Europa e faz parte de um plano estruturado de internacionalização, com lançamento previsto para 2026 e implantação progressiva ao longo do ano. A escolha da Espanha foi estratégica. O país reúne um mercado relevante, boa maturidade digital e forte presença de segmentos que dependem de agendamento recorrente, como salões de beleza, barbearias, clínicas e serviços de estética. Além disso, fatores como proximidade cultural, idioma acessível e ambiente favorável para negócios tornaram o país um ponto de partida natural para a expansão europeia da empresa (https://www.gendo.com.br).

Empresas & Negócios **José Hamilton Mancuso (1936/2017)** **Laurinda Machado Lobato (1941-2021)** Responsável: **Lilian Mancuso**

Editorias
Economia/Política: J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); *Ciência/Tecnologia:* Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); *Livros:* Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br);
Comercial: comercial@netjen.com.br
Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Webmaster/TI: Fabio Nader; *Editoração Eletrônica:* Ricardo Souza.
Revisão: Maria Cecília Camargo; *Serviço informativo:* Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

Colaboradores: Claudia Lazzarotto, Eduardo Moisés, Geraldo Nunes e Heródoto Barbeiro.

ISSN 2595-8410

Jornal Empresas & Negócios Ltda
Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP.: 04128-080
Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: (netjen@netjen.com.br)
Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90
JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003)
Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.